

A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO NONO ANO DA REDE ESTADUAL DE PALOTINA SOBRE O SER PROFESSOR

Laura Gabriela da Silva Zils¹
Vitória de Almeida Nunes²
Maria Eduarda dos Santos Borges³
Gabriela Satiro de Oliveira⁴
Ediana Maria Noatto Beladelli⁵

INTRODUÇÃO

A profissão professor tem sido temática de muitas discussões nos últimos anos em âmbito nacional e internacional, apontando temas emergentes, como formação e profissionalização docente. É sobre essa temática, que decidimos investigar, partindo do pressuposto que a profissionalização docente corresponde a um campo de pesquisa profícuo que demanda investigação. Sabemos que ser professor é um processo de construção que abrange a formação inicial e continuada e por assim ser, a partir de discussões realizadas nas aulas de Prática de Formação sobre a função social do professor, seu papel enquanto sujeito de formação e sua profissionalização, foram analisadas algumas questões, entre elas: o que é ser professor? Que percepções perpassam as representações dos alunos sobre o ser professor, sobre a profissão docente? Essas questões foram analisadas por pequenos grupos que sistematizaram as respostas em forma de cartazes, utilizando imagens, palavras e símbolos que representassem suas ideias. Por meio das exposições feitas pelos grupos, notou-se que havia em comum, uma ideia sobre o ser professor e sua profissionalização, pautada na representação de uma profissão sofrida, desvalorizada e que não é respeitada socialmente, não sendo uma profissão de sucesso. Essa ideia foi o ponto de partida para uma outra indagação: você gostaria de ser professor? Por quê? Diante do exposto, a turma sugeriu que esses questionamentos fossem ampliados para outros alunos, afim de buscar informações que pudessem mobilizar uma análise mais ampla sobre o ser professor e saber se os alunos possuíam o desejo de ser professor. Nesse sentido, o estudo objetiva, por meio de aplicação de questionário com quatro questões abertas, apontar quantos alunos do 9º ano da rede estadual de ensino, da cidade de Palotina, desejam ser professor e porquê. Foram aplicados 331 questionários, incluindo todas as escolas estaduais do município que possuíam turmas de 9º ano. A escolha dos sujeitos foi determinada pelo fato de serem concluintes do Ensino Fundamental e possíveis alunos do Curso Formação de Docentes ofertado em nível médio integrado e profissionalizante que forma professores para atuarem na Educação Infantil e

¹ Aluna do segundo ano do Curso profissionalizando Formação de Docentes – nível médio integrado do Colégio Estadual Santo Agostinho, Palotina, Paraná, laura.zils2003@gmail.com

² Aluna do segundo ano do Curso profissionalizando Formação de Docentes – nível médio integrado do Colégio Estadual Santo Agostinho, Palotina, Paraná, vitória.almeida87@icloud.com

³ Aluna do segundo ano do Curso profissionalizando Formação de Docentes – nível médio integrado do Colégio Estadual Santo Agostinho, Palotina, Paraná, miduborges@gmail.com

⁴ Aluna do segundo ano do Curso profissionalizando Formação de Docentes – nível médio integrado do Colégio Estadual Santo Agostinho, Palotina, Paraná.gabrielesatro@gmail.com

⁵ Professor orientador: doutoranda em Educação pela UFPR, campus de Curitiba. Professora da rede estadual de ensino SEED- PR e do ensino superior UESPAR na cidade de Palotina. Graduada em Pedagogia UNIMEO-Ctesop, mestrado em Educação UNIOESTE – Cascavel, edianabeladelli@hotmail.com

séries iniciais do Ensino Fundamental. O questionário foi aplicado in loco, pelas alunas acompanhadas pela professora orientadora. Após tabulação dos dados, constatou-se que 281 alunos (85,1%) disseram que não querem ser professor, alegando na maioria das respostas que não possuem paciência para suportar as coisas que os professores suportam, que é uma profissão difícil e não valorizada; 39 alunos (11,8%) disseram que sim, que querem ser professor por quererem formar outras pessoas; 11 alunos (3,1%) disseram que talvez seriam professores, pois consideram muito difícil essa profissão e desvalorizada. Considerando as respostas, notou-se que a percepção do ser professor está associada a uma ideia negativa da profissão, pautada especialmente na falta de valorização e na necessidade de ter paciência para o exercício profissional. Tais informações reforçam as percepções já apontadas pela turma e trazem elementos para novas investigações, pois se constata que o desejo de ser professor perpassa a própria vivência como alunos, na qual esses, percebem as dificuldades da profissão e não encontram inspiração para ser professor.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O processo metodológico da pesquisa fundamenta-se na pesquisa quantiquantitativa, “porque as opiniões coletivas apresentam ao mesmo tempo uma dimensão qualitativa e uma quantitativa” (LEFEVRE, 2012, p. 13), expressando dimensões distintas de um mesmo fenômeno estudado, o que possibilita “pensar dialeticamente e admitir que uma coisa pode ao mesmo tempo ser ela e seu contrário e vice-versa” (LEFEVRE, 2012, p. 26).

Para levantamento das informações optou-se pelo uso do questionário, considerando que esse “consiste em uma técnica para obter informações, referindo-se a sentimentos, situações vividas sobre o pesquisador no que é registrado para atender os objetivos do estudo, o questionário têm como objetivo descrever as características de uma pessoa e de um grupo social.” (OLIVEIRA, 2012, p.83). Os passos metodológicos constituíram-se em: Problematização da temática na aula de Estágio Supervisionado; Estudo teórico sobre a temática de investigação; Escolha do campo de investigação (turmas do 9º de rede estadual da cidade de Palotina/ período matutino e vespertino); Elaboração do questionário compondo-se de quatro questões abertas; Aplicação do questionário (período da aplicação 22/08 à 30/08/2018); Tabulação dos dados; Análise e sistematização dos dados com estruturação dos resultados obtidos.

DESENVOLVIMENTO

O que é ser professor? Essa pergunta provoca um processo inerente à formação docente, o pensar, e para tentar responder é preciso pensar um pouco e não pouco. Isso porque,

Pensar pouco é pensar de modo miúdo, rarefeito, pequeno, escasso; pensar pouco é abrir mão da nossa capacidade de não vivermos de modo automático, sem consciência clara e sem nitidez sobre os nossos porquês e nossos rumos. Pensar um pouco, por sua vez, é propositadamente dedicarmos algum tempo para refletir sobre certos temas e assuntos que nos ajudam a sermos mais decididos e cuidadosos com as escolhas que fazemos e as opiniões que manifestamos (CORTELLA, 2017, p. 5).

E pensar sobre o que é ser professor é um processo de busca dos sentidos e significados que perpassam a profissão professor. Para muitos é uma profissão movida pelo dom ou pelo amor e para outros é trabalho com inúmeras representações sociais, culturais, políticas e econômicas. O fato é que para falar desse tema é fundamental partir do pressuposto que ser professor é ser antes de tudo um profissional da educação e que por assim ser, precisa compreender que seu trabalho é a docência, que exige formação específica. Assim, os docentes, mesmo estando cientes de sua função formativa, não consideram a necessidade de uma preparação específica para exercê-la, como se o conhecimento específico desenvolvido nos anos de formação inicial e/ou ao longo da carreira e também o exercício profissional bastassem para assegurar um bom desempenho docente. Nessa perspectiva, ser professor consiste em reconhecer que a profissionalização é um processo de formação que demanda conhecimento e saberes sobre e para a docência, compreendendo a complexidade que a permeia. Considerando que ninguém nasce professor, mas se constrói professor por meio de um processo contínuo de formação na e pela docência. Ser professor é uma aprendizagem, pois “o homem não se faz homem naturalmente, ele não nasce sabendo ser homem, é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo” (SAVIANI, 1991, p.15). Considerando que a percepção sobre o ser professor como sendo o porta-voz de um saber dogmatizado, capaz de transferir, pelo dom da oratória, em aulas magistrais, seus saberes profissionais, não mais atende as necessidades da sociedade contemporânea (CUNHA, 1991). Isso implica na necessidade de se pensar na construção de concepções sobre a profissão docente que reconheçam o ser professor como ser profissional da educação e que, por assim ser precisa, ser formado para o exercício da docência. Ser professor é um “sujeito que professa saberes, valores, atitudes, que compartilha relações” e que com o outro elabora a interpretação e reinterpretação do mundo e dos seus significados. “Palavras, sentidos que encerram em si a dimensão da multidimensionalidade, da complexidade e da incompletude do saber e do ser professor” (FELDMANN, 2009, p.71). Nesse sentido, Nóvoa (2010) acrescenta que além de não nascermos professores, aprendemos a ser por meio de um processo constante de aprendizagem na e pela profissão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados demonstraram que referente à percepção dos alunos sobre o que é ser professor, 36,4% dizem ser esses os construtores do futuro, 8,1% que são pessoas especiais e 5,1% que é um trabalho cansativo. Isso demonstra o olhar sobre o papel do professor como importante para a formação do futuro da sociedade. Quanto a serem professores, 85,1% disseram que não gostariam de ser professor, pois consideram uma profissão cansativa, desvalorizada e que exige muita paciência. Possuem como percepção que ser professor não tem a ver com ter conhecimento, mas sim, comportamentos e atitudes de paciência que facilitem a convivência. O que chamou a atenção é que apenas 1,0 % apontaram não querer ser professor pelo salário baixo e as razões centram-se no contexto da valorização enquanto pessoa, sujeito social, enquanto profissional. Vinte e cinco alunos (13,3%) disseram que sim, que querem ser professor por quererem formar outras pessoas. Isso demonstra que há ainda em alguns alunos algumas percepções que reforçam o que diz Cortella (2008), que educação, assim como a profissão professor, tem por função formar a mais grandiosa de todas as obras, o ser humano. E esse olhar é o fio condutor da esperança do ser professor, compreendendo que ser professor não corresponde a uma questão natural, provinda de um “dom”, ou de capacidades naturais, que ao assumir o papel de professor essas capacidades afloram como mágicas. Ninguém nasce professor, se tornam professores “quando se educam com o outro, em um processo permanente de apropriação, mediação e transformação do conhecimento mediante um projeto existencial e coletivo de construção humana”. (FELDEMANN, 2009, p. 72). Seis alunos (3,2%) disseram que talvez seriam professores, pois consideram muito difícil essa profissão e desvalorizada. A ideia de profissão desvalorizada e difícil é um discurso recorrente no espaço escolar, feito inclusive muitas vezes pelo próprio professor. Ser professor nesse sentido requer

compreensão, apropriação e construção de saberes específicos relacionados à docência. Docência que, em termos de atribuição, engloba todas as atividades desenvolvidas pelos professores que estão orientados para a formação de seus alunos e deles próprios. O que implica em reconhecer que a docência se constitui por inúmeras atividades, que são regidas tanto pelo mundo de vida quanto da profissão e estão alicerçadas não só em conhecimentos, saberes e fazeres, mas também em relações interpessoais e em vivências de cunho afetivo, valorativo e ético, o que indica o fato de as atividades docentes não se esgotarem na dimensão técnica, mas remeter ao que de mais pessoal existe em cada professor. Considerando que o conhecimento pedagógico, que “incluem os conhecimentos produzidos pelas ciências da educação e sintetizados nas teorias educacionais, visando articular os fundamentos da educação”, considerando as orientações que se imprimem ao trabalho educativo (SAVIANI, 1996, p.149). Sendo que “o saber ou saberes provindos do conhecimento pedagógico fornecem a base de construção da perspectiva especificamente educativa com base na qual se define a identidade do professor como um profissional distinto dos demais profissionais” (SAVIANI, 1996, p.149). Distinto por ter uma profissão pautada no humano, na qual os sujeitos (professor e aluno) são humanos e o objeto de trabalho (o conhecimento) um produto humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou que a percepção dos alunos sobre o ser professor e profissão docente está associada a uma ideia negativa da profissão, pautada especialmente na falta de valorização e na necessidade de ter paciência para o exercício profissional. Isso nos leva a pensar sobre como essas percepções são construídas e de que maneira podemos mobilizar outro olhar sobre o ser professor. Pois a maioria dos alunos não deseja ser professor por razões que de certa forma não definem o ser professor, pois ter paciência é uma característica humana que atravessa todas as profissões, não sendo uma exigência específica da profissão professor. O desenvolvimento da pesquisa possibilitou a elaboração de um plano de ação no espaço escolar sobre o ser professor, abordando temas sobre a profissão docente com os alunos, afim de reconfigurar suas percepções, expondo conhecimentos e saberes pedagógicos que caracterizam a profissão professor como um processo de construção profissional. Outras perguntas são mobilizadas sobre o ser professor e o contexto em que ele é formado. Novas provocações são geradas: sob qual ou quais orientações e tendências formativas o professor vem sendo formado? Que sentidos e significados a experiência de aluno carrega para o processo de escolha ou não da profissão professor? Que papel formativo possui o professor em sua prática pedagógica sobre a sua profissão? E questões como essas demandam novos estudos afim de ampliar as discussões sobre a temática.

Palavras-chave: Ser professor; Percepções, Profissionalização, Docência.

REFERÊNCIAS

CORTELLA, Maria Sergio. **Vamos pensar um pouco?** Lições ilustradas com a Turma da Mônica. São Paulo: Cortez, 2017.

CORTELLA, Mario Sergio. Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CUNHA, Maria Isabel. **A relação professor –aluno.** In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). Repensando a Didática. 5 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1991.

FELDMANN, Marina Graziela. **Formação de professores e cotidiano escolar.** In: FELDEMANN, Marina Graziela (org.). Formação de professores e escola na contemporaneidade. São Paulo: editora Senac São Paulo, 2009.

NÓVOA, A. Profissão: Docente. Revista Educação. São Paulo – SP: Editora Segmento, 154 ed., p. 6 – 9, fevereiro/2010.

OLIVEIRA, M. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis: Rj, Vozes, 2012

LEFEVRE, Fernando. **Pesquisa de representação social:** um enfoque qualiquantitativo, a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo. Brasília: Liber Livro Editora, 2.ed. 2012.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica** – primeiras aproximações. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.